



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O DESAFIO DA ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DAS MULHERES COM ENFOQUE DE GÊNERO: UMA AÇÃO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.

Julliana Costa Coimbra¹; Thatiane Almeida da Silva²; Regina Couto da Costa³; Livia Medeiros Ramos da Silva⁴; Divanise Suruagy Correia⁵

¹Discente da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: ccoimbra72.jc@gmail.com.

²Discente da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: thatiane.almeida@outlook.com

³Discente da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: coutocosta3@hotmail.com

⁴Discente da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: liviamed07@gmail.com

⁵Docente da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: divanisesuruagy@gmail.com

Resumo: Abordar a atenção à saúde da mulher considerando as desigualdades de gênero é um desafio dos serviços de saúde. Apesar das conquistas no âmbito das políticas públicas, persiste o enfoque no paradigma da função reprodutiva da mulher, o qual é reafirmado na formação, através da escassez de conteúdos e abordagens integrais à saúde da mulher, restringindo-se a questões acerca do ciclo gravídico-puerperal. A partir destas inquietações, surge o projeto de extensão “Atenção Integral à Saúde da Mulher”, da Universidade Federal de Alagoas, formado por estudantes de cursos da área da saúde, com o intuito de vivenciar ações sobre a saúde da mulher. A primeira ação foi realizada para conhecer as mulheres e apresentar o projeto. A partir das experiências vivenciadas com as mulheres, através das técnicas de roda de conversa e dinâmicas direcionadas, pôde-se evidenciar os papéis sociais de gênero. Uma vez que, ao serem solicitadas a representar em uma folha a pessoa que mais querem ver saudáveis e bem, nenhuma referiu-se a si mesma. Na roda de conversa, buscou-se dialogar sobre os temas que serão trabalhados ao longo do projeto, como relação com o corpo e sexualidade, empoderamento e autoestima, violências doméstica e obstétrica. Foi perceptível na narrativa destas mulheres o quanto ainda prevalece em seu cotidiano as diversas faces das violências de gênero, raça e classe. Assim, ressalta-se a necessidade de se pensar a saúde da mulher além daquela apresentada na graduação, considerando especificidades em seus diferentes contextos de vida, construindo-se espaços de fortalecimento das potencialidades e resistências.

Palavras-chave: Saúde da Mulher, Roda de Conversa, gênero e saúde.

INTRODUÇÃO

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD 2003, proporciona análise dos dados do usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), através de variáveis como sexo, idade e aspecto socioeconômico, conseguindo assim gerar um perfil dos frequentadores do SUS. As mulheres, além do autocuidado, portam o papel de assegurar os cuidados à família; em virtude disso, possuem uma maior

presença e procura pelos serviços de saúde.

A vulnerabilidade feminina, decorre principalmente dos fatores relacionados aos papéis sociais de gênero, como a sobrecarga da dupla jornada de trabalho; sobressaindo sobre as causas biológicas; mesmo assim apresentam uma expectativa de vida mais alta, como apresentado na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher - (PNAISM), elaborada pelo Ministério da Saúde. Este documento



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

visa atender a saúde da mulher de forma integral, rompendo com a ótica exclusivamente biológica. A integralidade é dada por políticas dirigidas à solução de um determinado problema de saúde, identificando aspectos que contribuem ou desfavorecem a totalidade do programa. (FRASCOLLI et al 2011).

Pressupõe então um olhar mais cuidadoso para as questões afetivas, espirituais, políticas e socioculturais que atravessam o sujeito, e por conseguinte interferem em sua saúde, escapando assim da lógica biologicista. As políticas públicas de saúde, como por exemplo a PNAISM, adotam o princípio da integralidade justamente para poder suprir as necessidades e as complexidades das usuárias.

Os indicadores epidemiológicos do Brasil, expõe que a população feminina é acometida por uma série de patologias como, por exemplo, doenças crônico-degenerativas e psiquiátricas. Essa multiplicidade reforça que é necessário estender o cuidado para além do caráter reprodutivo da mulher.

Compreendendo a necessidade de abordar o cuidado integral, três discentes do Curso de Medicina (FAMED) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) apoiada por uma docente criaram o Projeto de Extensão Atenção Integral à Saúde da Mulher

(AISAM). A equipe multidisciplinar, compreende ainda 10 integrantes dos vários campos da área da saúde. São elaboradas ações mensais no Centro de Recuperação e Educação Nutricional (CREN), localizado no Tabuleiro dos Martins, na comunidade Denisson Menezes, nas mediações da UFAL, objetivando a garantia dos direitos, a partir da abordagem de temas habituais, sejam implícitos sejam explícitos socialmente, promovendo assim discussões sobre a saúde integral da mulher em sua totalidade. O presente trabalho tem como objetivo relatar a vivência da primeira ação realizada pelo projeto de extensão AISAM, tendo como tema facilitador a Saúde da Mulher. Além disso, com base na roda de conversa realizada com as mulheres do Conjunto Denisson Menezes no dia da ação, o trabalho propõe discutir as complexidades biopsicossociais que perpassam a saúde da mulher.

METODOLOGIA

O método adotado, visa o debate de assuntos recorrentes do dia-a-dia, mediante a prática participativa com as usuárias da Unidade de Saúde da Família (USF) Denisson Menezes.

O roteiro da primeira ação, consistiu na apresentação da extensão e membros para a comunidade, utilizando da exibição de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

vídeos e slides como auxílio, propondo uma maior dinamização. A princípio, realizou-se a atividade de desenhar a pessoa que mais desejam ver saudáveis, provocando uma reflexão sobre a postergação do autocuidado.

A roda de conversa foi realizada com a finalidade de integrar todas (os) presentes na ação e estabelecer uma relação de horizontalidade, na tentativa de minimizar uma suposta superioridade do conhecimento acadêmico. Os temas discutidos durante a roda foram pré-estabelecidos, englobando assuntos como sexualidade, corpo e autoestima, violência doméstica, obstétrica e cuidados com a saúde para mais do período gravídico-puerperal. Para dinamizar a roda, algumas perguntas disparadoras foram pensadas por algumas membras do projeto, e lidas pelas mulheres na intenção de estimulá-las a falar o que pensavam sobre os assuntos através de suas vivências. Segundo Bernardes; Santos; Silva (2015, p. 18) “as conversas são territórios férteis para pesquisas, espaços de interação social e produção de sentidos... É no exercício da fala que as pessoas expressam seu horizonte conceitual, suas intenções e visão de mundo.” Além de ser um dispositivo ético e político em detrimento de seu viés democrático, considerando

todas as pessoas envolvidas na roda como co-responsáveis na produção de conhecimento e de realidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Saúde da Mulher, foi anexada às políticas públicas ainda no século XX, porém, até a década de 70, o enfoque ocorria apenas na função reprodutiva da mulher, suprimindo outras questões, fatores e situações que perpassam o seu processo saúde-doença. O avanço foi notório, principalmente com a contribuição do movimento feminista, que lutaram para criação de políticas como a PNAISM, em razão dos problemas que afetam apenas a população feminina; isso vêm sendo demonstrado na literatura, conforme a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), 2000, “tanto dos homens quanto das mulheres, baseados nos padrões hegemônicos de masculinidade e feminilidade, são produtores de sofrimento, adoecimento e morte”. Entretanto, os desafios para integralidade ainda é constante, essencialmente em consequência do modelo biomédico, que estabelece o diagnóstico com base exclusivamente nos aspectos físicos; modelo esse que rege o sistema de saúde.

Portanto, a eficácia desses programas e ações, devem ser construídas no cotidiano, com suporte na abordagem multidisciplinar.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Mediante a conjuntura, o grupo AISAM, elaborou como estratégia primordial a roda de conversa na comunidade, buscando criar um alicerce para futuras intervenções psicossociais, com foco na partilha de informações acerca do cotidiano, apresentando auxílio lúdicos e técnicas de dinamização.

Considerando os debates viabilizados pela roda de conversa e a percepção de que essa fatia social é menos favorecida, isto coloca em xeque a qualidade de vida, sobretudo, das mulheres, visto que a situação de saúde é também uma relação com o meio ambiente e envolve lazer, alimentação, condições de trabalho e renda. A realidade da mulher, por ter jornada dupla, causa uma maior sobrecarga quando se é comparada a do homem, somada às desigualdades também no âmbito profissional. Portanto, é possível comprovar que as doenças/causas de mortes afetam mais as mulheres, não pela condição biológica, mas pela discriminação que as tornam vulneráveis.

Fotografia 1: Roda de Conversa.



Fonte: Elvys S. Pereira (2018)

Através da roda obtivemos bons relatos sobre suas vidas pessoais envolvendo diversos temas, tais quais: maternidade, sexualidade e autoestima. Notou-se que é de grande importância um espaço para discutir esses assuntos em prol de fortalecer a autonomia individual feminina e levar informações a fim de combater certos tabus limitantes de sua liberdade sexual e reprodutiva. Fez-se relevante, também, as opiniões a respeito da relação profissional-paciente, colocando-se em evidência as preocupações com as singularidades e necessidades dos sujeitos atendidos.

O sexo e o gênero se diferem em suas definições, visto que o sexo relaciona apenas às questões biológicas dos seres, enquanto o gênero abrange as condições e relações sociais que está inserido. Nosso encontro trouxe a oportunidade de

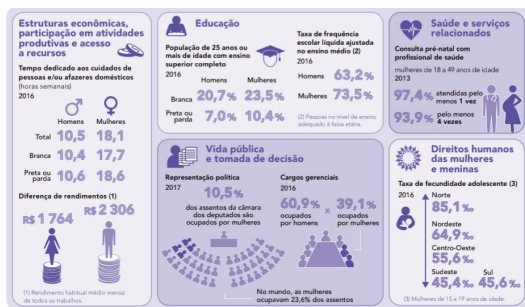


XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

evidenciar reflexões sobre os direitos e equalização de possibilidades no âmbito comum. Sendo portanto, de fundamental importância a implementação de igualdade de gênero nas políticas públicas; incluindo o Programa de Saúde da Família, 1994, localizado nas USF ou PSF, que objetivam o cuidado integral. Esse programa, ampara mulheres que por diversas vezes precisa abandonar as atividades rotineiras, correspondente a irregularidades na saúde, fazendo-se o primeiro meio buscado para resolução desses problemas; correspondendo aos 41,8% que equivale ao uso regular de postos ou centros de saúde, como principal alternativa dos usuários do SUS, (IBGE).

Figura 1: Estatísticas de Gênero



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais.

O SUS possibilitou mudanças na área de saúde, como a consciência da necessidade de abordagens profissionais emancipatórias, quando se reconhece as limitações do modelo de saúde tradicional com o foco biológico predominando. O processo

saúde-doença compreende esse processo como social e como fenômeno determinante.

A desigualdade de gênero é uma das contradições da sociedade que tem colocado as mulheres em um lugar subordinado. Manifestando-se na violência contra as mulheres, resultado na dissimetria de poder, traduzido nas relações de dominação. Assim o adoecer e morrer das mulheres sofre a influência da violência se constituído em um fenômeno social que influencia sobremaneira o modo de viver. (GUEDES, 2009).

As mulheres participantes de nosso projeto ainda não são capazes de identificar de primeira essas questões, sendo necessário um longo caminho a ser percorrido na procura pela igualdade, contudo, projetos e políticas públicas ajudam nessa construção.

Aqui se inclui o projeto AISAM que busca contribuir socialmente, a partir de ações em áreas mais abrangente sobre saúde da mulher.

CONCLUSÕES

Foi perceptível na narrativa destas mulheres o quanto ainda prevalece em seus cotidianos as diversas faces das violências de gênero, raça e classe. Compreendemos que ignorar ou



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

subestimar estes fenômenos sociais significa nos distanciarmos, enquanto futuros profissionais da saúde, de uma perspectiva integral na abordagem às mulheres. Assim, ressalta-se a necessidade de se pensar a saúde da mulher além daquela apresentada na graduação, considerando especificidades em seus diferentes contextos de vida, construindo-se espaços de fortalecimento das potencialidades e resistências.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Jefferson de Souza. et al. A 'Roda de conversa' como dispositivo ético-político na pesquisa social. In: LANG, Charles Elias. et al. (org). **Metodologias: pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas**. Maceió: EDUFAL, 2015, p. 13 – 34.

BRASIL, Ministério da Saúde, Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher. Brasília, 2004. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2018.

COELHO, E.A.C.; OLIVEIRA, J.F.; SILVA, C.T.O.; ALMEIDA, M.S. Integralidade do cuidado à saúde da mulher: limites da prática profissional. **Revista de Enfermagem**. Bahia, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n1/v13n1a21>> . Acesso em: 07 nov. 2018.

FIGUEIRÊDO, Alessandra A. F., QUEIROZ, Tacinara Nogueira. In: ___. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10.**, 2012, Florianópolis. **Anais Eletrônicos**. A utilização de rodas de

conversa como metodologia que possibilita o diálogo. Florianópolis, 2012. Disponível em:

<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dyp.com.br/resources/anais/20/1373241127_ARQUIVO_AUTILIZACAODERODASDECONVERSACOMOMETODOLOGIAQUEPOSSIBILITAODIALOGO.pdf>.

Acesso em: 07 nov. 2018.

GUEDES, RN et al. A violência de gênero e o processo saúde-doença das mulheres. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 625-631, Sept. 2009.

IBGE: Estatística de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas - Informação demográfica e socioeconômica**, n. 38, 2018. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf&ved=2ahUKEwio-oupvMreAhWKnJAKHQ9pBkMQFjAGegQIABAB&usg=AOvVaw3P26SWMn_HmYKa-YWthZG. Acesso em: 10 nov. 2018.

IBGE: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 1998. Brasil, 1998. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad98/saude/analise.shtm>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

RIBEIRO, Manoel Carlos S. A; BARATA, Rita B.; ALMEIDA, Márcia F.; SILVA, Zilda P. Perfil sociodemográfico e padrão de utilização de serviços de saúde para usuários e não-usuários do SUS – PNAD 2003. São Paulo. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/csc/2006.v11n4/1011-1022/pt>> . Acesso em: 12 nov. 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

SAMPAIO, Julliana; SANTOS, Gilney Costa; AGOSTINI, Marcia; SALVADOR, Anarita de Souza. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. Pernambuco, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v18s2/1807-5762-icse-18-s2-1299.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2018.